

Um nó de memórias: reflexões e potências a partir de lembranças da Escuela Célestin Freinet de La Pintana

Juan David Miranda González¹

Ian Gabriel Couto Schindwein²

Lucas Polli Bueno³

RESUMO

A ditadura pinochetista (1973 - 1990) produziu no Chile profundas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais através de reformas estruturais e abusos contra os direitos humanos. Teve como objetivo “refundar” o país sob o ditame do neoliberalismo - sistema que se configura enquanto contrarrevolução permanente em busca de cooptar ou eliminar práticas sociais comunitárias emancipatórias, a partir de formas de controle mais ou menos explícitas. Para essa refundação, as políticas educativas foram um pilar central, modificando especialmente a educação formal escolar. Contudo, não existiu sem processos de resistência. Um exemplo foi a gênese da Escuela Célestin Freinet, localizada na atual comuna de La Pintana, periferia de Santiago. O estudo da experiência se deu por meio de testemunhos de pessoas que fizeram parte daquele processo na década de 1980. Desta forma, o presente trabalho traz reflexões sobre a importância do resgate das memórias. Não só das recordações em si, mas também do próprio processo de lembrança das lutas cotidianas contra o poder hegemônico e das memórias que foram violentamente oficializadas. Trazer a público as vozes que ecoam as

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Educador da Escuela Pública Comunitaria de Santiago do Chile. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6836-0593>. E-mail: juanmg.1985@gmail.com.

² Mestre e doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Educador do Coletivo de Educação Popular Flor de Maio. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2021/03013-2. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa Educação e Crítica Social (GEPECS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5590-4881>. E-mail: iangabrielcs@hotmail.com.

³ Graduando em História e bolsista de Iniciação Científica PIBIC pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Educador do Coletivo de Educação Popular e militante da União da Juventude Comunista (UJC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3050-7761>. E-mail: lucasspbueno@gmail.com.

experiências é um ato político de resistência, pois se estas não são rememoradas, sistematizadas, compartilhadas e colocadas nas dinâmicas atuais, correm um grande risco de se perderem no esquecimento promovido pelas narrativas hegemônicas, apagando especialmente as lutas construídas coletivamente a partir do território, com suas dores, esperanças e revoltas.

Palavras-chave: educação; ditadura; Chile.

A knot of memories: reflections and potencies from rememorations of the Escuela Célestin Freinet de La

ABSTRACT

The Pinochet dictatorship (1973 - 1990) produced profound political, social, economic and cultural transformations in Chile, through structural reforms and human rights abuses. Its goal was to “re-found” the country under neoliberalism - a system that is configured as a permanent counter-revolution that seeks to co-opt or eliminate emancipatory community social practices and it is based on more or less explicit forms of control. For this refoundation, educational policies were a central pillar, modifying especially the formal school education. However, this reality did not exist without processes of resistance. One example was the genesis of the Escuela Célestin Freinet, located in the current commune of La Pintana, on the periphery of Santiago. The study of this experience was made through testimonies of people who were part of this process in the 1980s. The present article intends to reflect on the importance of recovering memories. Not only the memories themselves, but also the process of rememoration of the daily struggles against the hegemonic power and its violently officialized memories. Among the footprints found in the study of the history of the Escuela Célestin Freinet de La Pintana we can mention the rememoration of these experiences as a political act of resistance, because if they are not rememorated, systematized, shared and placed in the current dynamics, there is a great risk of its being lost in the oblivion promoted by the hegemonic narratives,

erasing especially the struggles built collectively from the territory, with their pains, hopes and revolts.

Keywords: education; dictatorship; Chile.

Un nudo de memorias: reflexiones y potencias desde las rememoraciones de la Escuela Célestin Freinet de La

RESUMEN

La dictadura pinochetista (1973 - 1990) produjo en Chile profundas transformaciones políticas, sociales, económicas y culturales mediante reformas estructurales y abusos a los derechos humanos. Tuvo por objetivo "refundar" el país bajo el dictamen del neoliberalismo - sistema que se configura como una contrarrevolución permanente que busca cooptar o eliminar prácticas sociales comunitarias emancipatorias basadas en formas de control más o menos explícitas. Para esta refundación, las políticas educativas fueron un pilar central, especialmente cuando hablamos de la educación escolar formal. Sin embargo, esta realidad no existió sin procesos de resistencia. Un ejemplo fue la génesis de la Escuela Célestin Freinet, ubicada en la actual comuna de La Pintana, en la periferia de Santiago. A través del estudio de esta experiencia a partir de testimonios de personas que hicieron parte de este proceso en la década de 1980, el presente trabajo pretende reflexionar sobre la importancia de recuperar la memoria. No sólo las memorias en sí, sino también el proceso de rememoración de las luchas cotidianas contra el poder hegemónico y sus memorias violentamente oficializadas. Hacer público las voces que hacen eco de estas experiencias es un acto político de resistencia, pues si estas no son rememoradas, sistematizadas, compartidas y situadas en las dinámicas actuales, corren un gran riesgo de perderse en el olvido promovido por las narrativas hegemónicas, borrando especialmente las luchas construidas colectivamente a partir del territorio, con sus dolores, esperanzas y revueltas.

Palabras clave: educación; dictadura; Chile.

Demasiado tiempo de abrazar a los que partieron
Me ha cansado
Demasiado tiempo de zarpazo mortal a los que amo
Me ha cansado
Demasiado tiempo, demasiado, me ha cansado
Y desde mis ojos cansados, y desde mi pelo cansado
Y desde mi llanto cansado
Penetro en tus ojos y tus ojos se agrandan
Y nuestra mirada de ayer es presente y futuro
Y mi canto vuelve a cantar en el tuyo

Sol y Lluvia⁴

INTRODUÇÃO: DIFERENTES TEMPOS EM UM NÓ DE MEMÓRIAS

A rememoração é uma tarefa complexa e coletiva - significativa no campo das lutas contra-hegemônicas -, que visa a construção de transformações sociais e a superação do capitalismo e nos desafia a entender o passado de forma dinâmica e como um afluente do presente e do futuro. Particularmente em um cenário social em que diferentes comunidades de nosso continente se propuseram à tarefa de tomar a educação a partir de suas próprias mãos, resistindo às lógicas do mercado e dos Estados neoliberais, pensamos que a rememoração dessas lutas pela educação pode ser um importante aporte de aprendizagens para esse árduo compromisso. Dessa maneira, esse trabalho pode, por si só, ser considerado como um nó de memórias, graças à sua sustentação em um estudo prévio de uma experiência educativa de luta contra a ditadura pinochetista (1973-1990) e a proposta de formular novas

⁴ Trecho da música *Para Que Nunca Más*, do conjunto Sol y Lluvia. Foi lançada originalmente de forma clandestina e independente em 1980 na fita cassete *Canto + Vida*, sendo posteriormente regravada e também relançada em CD (SOL Y LLUVIA, 1999). Tradução livre para o português do trecho: "Demasiado tempo de abraçar aqueles que partiram / Me tem cansado / Demasiado tempo de garra mortal para aqueles que amo / Me tem cansado / Demasiado tempo, demasiado, me tem cansado / E desde meus olhos cansados, meu cabelo cansado / E desde meu choro cansado / Penetro em teus olhos e teus olhos se arregalam / E nosso olhar de ontem é presente e futuro / E meu canto volta a cantar no teu".

reflexões e perguntas, dialogando, a partir do passado, com o presente e nossas utopias.

O presente artigo tem como base um estudo realizado no ano de 2012, no contexto de um curso de especialização sobre democracia e políticas de memória realizado em Santiago do Chile⁵. Esse estudo teve como objetivos:

- Indagar de maneira dialética a história construída a partir das memórias de diferentes professoras e professores sobre os métodos implementados pela ditadura para reprimir vozes divergentes na escola, assim como suas consequências;
- Indagar nos testemunhos de protagonistas do nascimento da Escuela Célestin Freinet de La Pintana – educadores, *pobladores*⁶ e educandos – acerca da *práxis* político-educativa desta escola enquanto uma experiência resistente e contestatária à essa ditadura;

Nesta investigação foram convidadas a participar diferentes protagonistas do primeiro período de existência da Escuela Célestin Freinet de La Pintana: ex-estudantes, mães, professoras e professores, além do fundador do projeto, Don Eradio Mardones (*in memoriam*). Foram realizadas algumas entrevistas individuais e também em um grupo focal. Assim foi possível desenvolver um exercício de memória coletiva que resultou no trabalho mencionado, o qual foi socializado

⁵ O estudo inicial intitulado *La dictadura militar en la escuela chilena y la resistencia contestataria de la Escuela Célestin Freinet de La Pintana*, foi realizado no ano de 2012 no contexto do curso de especialização Democracia y Políticas de la Memoria del Instituto de Estudios Avanzados da Universidad de Santiago de Chile. Esse estudo não foi publicado.

⁶ As *poblaciones* são áreas de moradia popular precária que surgiram no Chile principalmente entre as décadas de 1950 e 1980, através de ocupações de terra realizadas por seus próprios moradores ou, em alguns casos, por meio de ações do Estado. Se mostraram como formas de se adaptar e responder aos graves problemas urbanísticos, principalmente no que se refere à habitação popular, no país e mais especificamente na sua capital, Santiago. Além disso, se constituíram como um dos mais importantes meios de organização popular do período. Um grande marco na história dos movimentos de *pobladores* foi a *toma da poblacion* de La Victoria, em 30 de outubro de 1957 (GARCÉS, 2002).

de maneira informal com quem participou do estudo e com a direção do colégio, mas que não foi publicado.

Tendo em vista esse histórico, surgiu a ideia de resgatar esse trabalho, reconhecendo a importância de seus testemunhos e levando em conta que, nesse meio tempo, grande parte do material original obtido no campo infelizmente se extraviou. Por isso, o presente artigo pode ser considerado um exercício de rememoração, pois resgata um processo histórico de mais de 30 anos, que foi uma vez estudado e hoje, 10 anos depois da primeira investigação, volta a ser analisado a partir de outra perspectiva, destacando os fatores coletivos e constantes da rememoração, diretamente relacionada com o passado, mas com os pés nos dilemas e olhares do presente.

O objetivo desse segundo estudo é refletir em torno da potencialidade existente na rememoração popular de um processo educativo em confronto – mais ou menos explícito – com a educação neoliberal imposta pela ditadura chilena, abrindo novamente as experiências escondidas ou subterrâneas para potencializar seu movimento histórico. A metodologia proposta se sustenta na concepção crítica da construção do conhecimento, entendendo esta como uma *práxis*. Ou seja, a investigação como uma experiência que constrói um conhecimento de forma participativa e, por sua vez, transformadora da realidade (FALS, 1985).

Por último e seguindo o pensamento de Carlos Crespo Burgos (2018, p. 50): “As alternativas que se vislumbram frente a racionalidade atual requerem ser visibilizadas, esclarecidas e disseminadas como novas sementes culturais para iluminar as profundas mudanças que nos demanda esta época histórica”. Deste modo, parece-nos que os aprendizados da experiência comunitária da gênese da Escuela Célestin Freinet de La Pintana são sementes no solo rebelde da América Latina e, assim, o resgate da sua memória resulta em um exercício importante para potencializar experiências de luta contra a educação de mercado.

EDUCAÇÃO NO CHILE: A CONTRARREVOLUÇÃO ENTRE GUERRAS

A sociedade chilena, após o Golpe de Estado de 1973, sofreu em diferentes aspectos com profundas transformações. Esta, que presenciara o advento de um programa político popular com a chegada de Salvador Allende à presidência da República, se viu frente a um governo capitaneado por uma Junta Militar com ânsia de refundar o país baixo novas bases econômicas, sociais e políticas (GOICOVIC, 2012, p. 40). O projeto de “refundação” culminou com a adoção da ordem neoliberal como forma política e cultural, ou seja, como paradigma orientador do Estado e também dos princípios éticos da sociedade. Desta forma e considerando a catástrofe que tem significado a *imposição* do neoliberalismo, é apropriado afirmar que:

O fundamento está no entendimento de que o neoliberalismo, antes de ser apenas uma ideologia ou uma política econômica, é primeiramente uma racionalidade, que estrutura tanto instituições públicas e privadas, como a própria subjetividade (TREVISOL & ALMEIDA, 2019, p. 200).

Em termos concretos, o mercado se tornou o princípio central institucional e subjetivo.

Essa brutal implementação do neoliberalismo no Chile rasgou uma rodovia na carne de seu povo, em direção ao momento que vivemos atualmente, o da Quarta Guerra Mundial presente na concepção zapatista: a guerra do neoliberalismo contra a(s) humanidade(s), marcada pelo avanço bárbaro da homogeneização e da universalização do mercado em todos os aspectos possíveis da vida, onde todes que se opõem a esse projeto são inimigos a serem corrompidos e/ou destruídos (MARCOS, 2001). O golpe de 11 de setembro de 1973 significou os gérmenes do ultraliberalismo voraz, que se expandiu em grande escala enquanto contrarrevolução permanente, tornando-se globalmente hegemônico décadas depois. Isso ocorreu enquanto o cenário mundial vivia o apogeu da Guerra

Fria⁷. Assim, a população chilena dessa época vivia simultaneamente sob elementos de dominação presentes em duas formas de guerras sistêmicas, ademais de levar em suas vívidas pegadas seu passado colonial e oligárquico.

A partir de então, o tecido social chileno foi (re)costurado, após um profundo e abrupto corte, por ideais de mercado na sua cotidianidade e subjetividade. A política, a economia, a cultura e a educação se viram afetadas pelas contrarreformas que eram impostas pela Junta Militar e pelos Chicago Boys. A educação escolar, em particular, se viu dominada por um projeto fundacional da ditadura e sua máquina repressiva, tendo sido um grande laboratório de experimentos. Como em todos os setores, a cultura escolar foi transformada por mecanismos militares com apoio de grandes empresas, das cúpulas eclesiásticas, dos coronéis latifundiários, de setores da classe média, dos grandes meios de comunicação e dos EUA. Sem nos esquecermos da diversidade de resistências e de respostas de diferentes setores neste violento cenário, nos questionamos: Como funcionavam esses mecanismos? Quais foram as transformações culturais produzidas nessas comunidades?

No campo educacional foram impostas uma série de contrarreformas experimentais, sem nenhuma sustentação empírica que as respaldasse. A nível governamental, as principais medidas impostas pela ditadura foram uma série de políticas e reformas curriculares que buscavam controlar as ações das comunidades educativas. Foram proibidas as eleições e a organização de seus membros, isolando-os e criando desconfiança entre pares; fecharam as escolas normais - historicamente formadoras de docentes -, entregando suas faculdades para as universidades; a nível curricular, as matérias foram isoladas uma das outras e foram proibidos determinados conteúdos⁸. Por outro lado, educadoras e educadores se viram fortemente reprimidos pela Junta Militar, sendo pejorativamente rotulados como agitadores marxistas e perseguidos

⁷ Que na concepção zapatista já é apresentada como a Terceira Guerra Mundial (MARCOS, 2001).

⁸ Ainda que existissem contradições nesses processos de "limpeza curricular".

através de demissões arbitrárias, rebaixamento dos salários, entre outras medidas. Por último, dadas as características desse período, o professorado não pôde continuar construindo e desenvolvendo abertamente projetos educativos desde um paradigma crítico, posto que o Estado autoritário criou mecanismos de perseguição específicos para quem estivesse com qualquer envolvimento em atividades que buscassem o fim da ditadura. Um exemplo disso foi o bárbaro Caso Degollados, em 1985, que entre as vítimas fatais também esteve Manuel Guerrero, professor e dirigente da Asociación Gremial de Educadores de Chile (AGECH).

Hoje, quando lembramos 50 anos do Golpe de Estado no Chile, os resultados da ditadura no campo educativo mostram que a introdução do lucro - como um dos pilares deste sistema, teve como uma das consequências a perda de elementos essenciais para a aprendizagem, isto é, a perda de sensibilidade humana. Junto com isso, a preponderância de uma cultura escolar sustentada na concorrência e no individualismo (CRESPO, 2018).

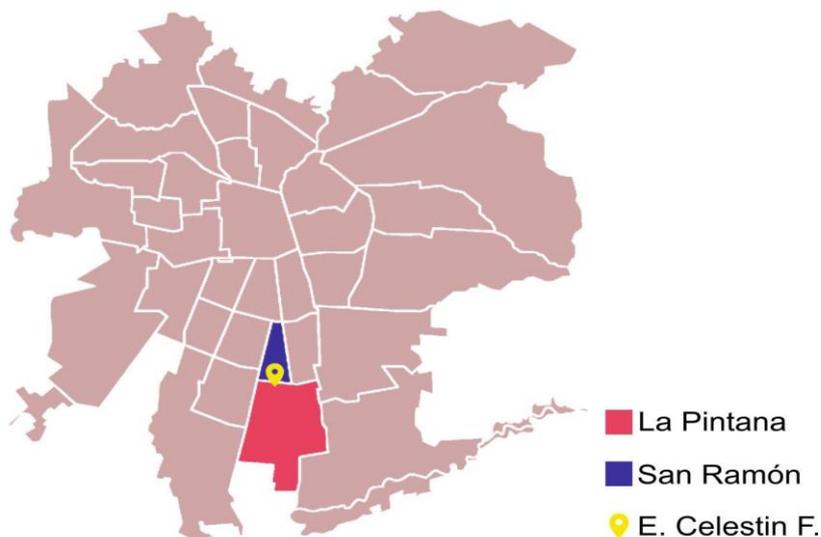
ESCUELA CÉLESTIN FREINET: O NASCER COM AS RAÍZES EM UM TERRITÓRIO

“Nos instalamos no meio de um lamaçal tremendo, de animais, porcos [...]” (EQUIPO REVISTA DOCENCIA, 2012, p. 74)⁹. Dessa forma é que Don Eradio Mardones descreve sucintamente a realidade e a geografia da *población* La Bandera, localizada na comuna¹⁰ de San Ramón em Santiago, que contava na época com aproximadamente 38 mil habitantes. Hoje, a Escuela Célestin Freinet faz parte da comuna de La Pintana, desmembrada no ano de 1984.

⁹ Todas as traduções de citações e testemunhos do espanhol para o português presentes neste texto são de tradução nossa.

¹⁰ Comuna é uma divisão político-administrativa do território chileno, relativamente equivalente a uma prefeitura no Brasil.

Mapa 1 - Comunas de Santiago do Chile, com destaque para as comunas de La Pintana e San Ramón e com localização da Escuela Célestin Freinet



Fonte: Arte de Lucas Polli Bueno.

A origem dessa *población* se encontra na “*operación sitio*” dos anos 60, que consistia na entrega de terrenos em espaços semi urbanizados para que os signatários construíssem suas moradias através do sistema de autoconstrução. Já outra importante parte da *población* estava composta por ocupações, as chamadas *tomas de terreno*. Com respeito aos equipamentos comunitários, havia diferentes comércios de serviços técnicos, manuais ou armazéns, além de espaços como escolas, jardins de infância, centros de saúde e um refeitório da Igreja Católica. Entretanto, todos estes locais não eram suficientes para a quantidade e necessidades básicas dos habitantes da região (MARTINIC, 1980, p. 37).

O colégio se localizava em um lugar fortemente afetado pela pobreza, situação que é recordada por diferentes protagonistas deste período. Como nas palavras de uma ex-aluna:

[...] a gente era muito mais humilde. Antes as crianças muitas vezes vinham comer nas colônias [de férias] porque não tinham em casa. Por exemplo,

a fila do almoço era como um prêmio, se brigava, e eu inclusive me colocava de novo na fila, e me diziam “não, se você já almoçou”.

Don Eradio manifestou a decisão consciente de iniciar um projeto educativo neste contexto. Em sua entrevista menciona que, aproveitando contatos que tinha com a Igreja Católica, chegou para trabalhar neste setor.. A escola Célestin Freinet de La Pintana começou a se levantar em 1980¹¹ graças ao apoio econômico da agência de cooperação inglesa Catholic Agency For Overseas Development (CAFOD), com o qual foi possível adquirir o terreno, os materiais de construção e os materiais escolares básicos (EQUIPO REVISTA DOCENCIA, 2012, p. 76). Don Eradio recorda que antes de construir o colégio, foi formado a Corporación Educacional para el Desarrollo de la Cultura y la Educación Personalizada Abierta y Comunitaria (CEPAC), identidade com a qual, em colaboração com a UNESCO, elaboraram um projeto para postular recursos econômicos no estrangeiro. Uma vez em posse destes recursos, foi comprado uma parte de um terreno que uma das *pobladoras* possuía e, com a cooperação de *pobladores* desempregados, começaram os trabalhos de construção da escola.

Vale mencionar, então, que essa experiência educativa nasce de uma perspectiva comunitária e crítica com respeito ao contexto político, econômico e social que vivia o Chile naquele momento. Ao mesmo tempo que este projeto se insere em um contraditório processo recorrente no país durante este período: o financiamento por parte de redes internacionais de apoio à países em desenvolvimento, especialmente para projetos democratizantes – muitas vezes ligados a setores da Igreja – atuantes em contextos ditatoriais na América Latina. O caso chileno é singular nesse sentido, pela massiva organização e pressão por parte de comitês no exterior contrários à ditadura pinochetista - muitos liderados por exilados. Também por se inserir em um momento no qual essas redes já tinham constituído mecanismos e formas de atuação relativamente bem

¹¹ Cabe salientar a importância desse ano no contexto dessa ditadura chilena, sendo quando se instituiu a constituição de viés conservador e neoliberal imposta pela ditadura.

desenvolvidas - através de experiências prévias em outras ditaduras e contextos de catástrofe.

Como já evidenciado, o projeto educativo que é foco deste trabalho não é levantado na *población* de La Bandera por casualidade, pois tinha um objetivo político-educativo consciente por parte de seu fundador. Ou seja, surgiu com a intencionalidade de resistir ao contexto histórico, político, econômico e social que vivia o país, mas também imerso por dilemas que atravessavam esta realidade. É por essa razão que a Escuela Célestin Freinet se diferenciava largamente das escolas tradicionais e/ou submetidas diretamente aos mandos e desmandos dos militares. Inclusive, Don Eradio afirmou para a Equipo Revista Docencia (2012, p. 77) que “[...] o nome de Freinet foi escolhido porque entendi que tinha pertinência com esse projeto [...]”. Por que considerar esse pedagogo francês como inspirador para um projeto educativo de caráter popular? Talvez a resposta esteja em uma das sínteses de Freinet (1996, p. 26): “[...] devemos ser todos educadores do povo junto a quem, misturados com o povo, na luta com o povo, fazamos realidade a escola do povo”.

A LUTA DESDE O COTIDIANO

O processo de contrarrevolução permanente, desenvolvido no país em todos os níveis desde o golpe de Estado de 1973, afetou com muita força a cotidianidade da vida escolar. Acreditamos ser fundamental tratar desse enfoque, pois, como afirma Brant Carvalho (1994, p. 15): “Todos os estudos sobre a vida cotidiana indicam a complexidade, contraditoriedade e ambigüidade de seu conteúdo. E o que é mais importante, a vida de todos os dias não pode ser recusada ou negada como fonte de conhecimento e prática social”. Tendo em vista a complexidade e, contraditoriamente, a importância de se pensar este cotidiano, focamos neste breve estudo, revisar algumas práticas exercidas nos contextos escolares sob a ditadura.

Nesse sentido, um ponto que nos parece importante de evidenciar é que desde o início da ditadura sua tarefa foi “[...] fechar todos os mecanismos de participação social na orientação e condução do sistema de ensino, e se verticaliza sua administração baixo controle militar direto” (BRUNNER, 1991, p. 109). Aspectos que

se mantêm até hoje¹², pese as diversas reformas realizadas após a ditadura. Afinal, a falta de democracia nas escolas e a administração vertical não são apenas princípios defendidos por militares anticomunistas, mas também pelo neoliberalismo. Logo, a partir de uma chave zapatista, a educação pode ser entendida como um campo de disputa para a guerra neoliberal que se avizinhava e que atualmente opera a todo vapor.

Todo o sistema educacional, sob controle militar e dos dogmas neoliberais, foi submetido a uma severa vigilância. Por meio da infiltração de agentes repressivos na escola, identificava-se quais trabalhadores eram contrários ao regime. Uma situação particular que demonstra esse tipo de ação foi recordada por um dos professores entrevistados, que a viveu antes de trabalhar na escola Célestin Freinet: “[...] uma vez fui chamado por um inspetor, que apareceu como inspetor sem que ninguém o conhecesse e me perguntou diretamente se nós tínhamos uma vinculação partidária ou se sabia de colegas com vinculação comunista ou com motivações distintas” (Professor Luis). Na mesma linha, outra professora recordou que “[...] no liceu havia uma galera com meios camuflados para ver como atuavam os professores de História ou Filosofia, [motivo] pelo qual haviam professores que esqueciam esse tema [de trabalhar o marxismo]” (Professora Silvia). Outra situação que ainda marca as diferenças entre os setores políticos chilenos e é sempre sempre lembrada pelas pessoas que viveram o período, é a seguinte: “quando se cantava o hino nacional [os agentes prestavam atenção] para ver se cantávamos a estrofe *os valentes soldados*¹³ e se colocavam ao

¹² Com a ditadura se cria um contexto de abuso e violações de todos os direitos, dado o contexto de suspensão legal. Será essa realidade, sem regulamentação, que se institucionaliza com a imposição da Constituição de 1980 e que se mantêm até a atualidade, pese as reformas do período da transição - de 1990 à 2019 - e os debates relacionados com a nova constituinte instaurada após as manifestações populares desencadeadas em outubro de 2019.

¹³ A estrofe comentada é, no original, a seguinte: “Vuestros nombres, valientes soldados, / que habéis sido de Chile el sostén, / nuestros pechos los llevan grabados; / los sabrán nuestros hijos también. / Sean ellos el grito de muerte / que lancemos marchando a lidiar, / y sonando en la boca del fuerte / hagan siempre al tirano temblar”. Compreendendo que se trata de um trecho que enaltece os militares, num contexto no qual estes atuavam de maneira covarde e impune contra as pessoas do seu próprio país, é que es militantes

lado¹⁴” (Professor Guillermo), pois quem não cantava essa parte, era identificado como detrator da ditadura e perseguido.

Nesse contexto de terrorismo de Estado e, mais especificamente, de uma violência escolar radical, se impôs um cotidiano de medo, desconfiança e raiva contida nas comunidades escolares e, em muitos casos, impossibilitou a ação organizada. Entretanto, pese tudo o que foi supracitado, também houve experiências de tentativas de semear a esperança e, e de lutas para seguir crescendo, com todas as forças da história. Uma das tantas histórias de comunidades educativas silenciadas pela memória do medo é a experiência do nascimento da Escuela Célestin Freinet de La Pintana, que, apesar de tudo, guardou *memórias subterrâneas* (POLLAK, 1989).

Dessa forma, consideramos fundamentais os primórdios dessa experiência, pois significou para sua comunidade uma ruptura dessa cotidianidade violentada, uma suspensão da realidade. Segundo Neto e Brant Carvalho (1994, p. 27): “[...] quando se rompe com a cotidianidade; quando um projeto, uma obra ou um ideal convoca a inteireza de nossas forças e então suprime a heterogeneidade. Há nesse momento uma objetivação. A homogeneização é a mediação necessária para suspender a cotidianidade”.

Esta escola, desde o começo de sua materialização, é constituída desde um paradigma diferente do imposto, como aponta o artigo publicado pela Equipo Revista Docencia (2012, p. 77): “Tanto a horta como a construção da escola mesma foram o resultado do esforço e participação de pais, *pobladores*, professores e crianças,

e opositores ao regime no geral se negavam a cantá-la como forma de protesto e resistência.

¹⁴ É interessante recordar essa recorrente cena do período ditatorial, pois em 2021, durante o ato de inauguração da Convenção Constitucional chilena, o hino nacional foi interrompido por constituintes que exigiam a paralisação da cerimônia enquanto eram reprimidas nas ruas as pessoas que se manifestavam naquele momento. No dia seguinte, os constituintes que rechaçaram a suspensão do dia anterior e ligados politicamente à setores de direita, em um ato de protesto, entoaram o hino nacional incluindo a estrofe *os valentes soldados*. Disso podemos evidenciar que essa direita também tem suas formas de rememorar... mas rememoram a partir da defesa da continuidade da barbárie e da violência dos poderosos, além da elaboração de um passado mítico e glorioso.

recebendo o apoio de estudantes universitários que se interessaram pelo projeto". Em outras palavras, em um contexto onde a participação estava proibida, a escola nasce graças às condições criadas para que quem se sentisse chamadas a colaborar, participassem. Segundo comentado por uma ex-trabalhadora, um *poblador* reconhecido por sua entrega à escola foi Don José Gómez, pois "[...] ele trabalhou muito, se não havia grana ele igual vinha porque ele também almoçava aqui e quando havia um dinheirinho se entregava" (Ex-cozinheira da escola).

Deste modo, o projeto buscou construir uma marca particular e diferente da educação daquele momento, ao participarem desde o começo os *pobladores*, professores e estudantes, de modo a formar uma comunidade escolar participativa e envolvida com o projeto.

A escola Célestin Freinet nasceu em definitivo buscando retratar a utopia de uma escola popular... uma escola realmente da comunidade, onde os educadores, os pobladores e as crianças sejam agentes de sua promoção e liberação humana e social (EQUIPO REVISTA DOCENCIA, 2012, p. 77).

Uma vez que a escola foi construída, esta se transformou em um espaço de suma importância para a comunidade, pois como recordaram diferentes pessoas que participaram da investigação de 2012, a escola perseguiu objetivos mais profundos do que só a educação de quem estudava nela. Como assinalou durante a entrevista Don Eradio Mardones: "[...] a escola tem que demonstrar que há outra forma de viver e de relacionar-se, e tem que aprendê-la aqui, se os pais estão acostumados aos gritos, a se bater, aqui não pode fazer isso [...]".

Diferentes participantes lembra de uma das primeiras atividades, as *Colonias de Verano* [Colônias de Verão], um espaço educativo e de recreação que se realizava nos períodos de férias escolares. Uma ex-aluna recordou que "A molecada seguia vindo no verão e no inverno, o colégio não fechava nunca porque haviam colônias". Com relação a essa atividade, uma das professoras pontua que "Agora quando se fazem as colônias, o almoço é dado pela

Junaeb¹⁵ porque se pleiteia e tudo isso agora. Antes era só com cooperação”, salientando a solidariedade como um dos valores de destaque daquele tempo. Segundo a mesma professora, “Isso era bom, porque as crianças aprendiam o que era cooperativismo, um ajuda o outro, entre elas mesmas se cooperam e entre os professores também existia isso”. Também outra entrevistada, uma mãe, recordou que “As mesmas crianças que saíam do 8º básico vinham trabalhar aqui no colégio no verão”, referindo-se ao trabalho de estudantes mais velhos como monitores. “Eu era monitora nas colônias de verão, como a de 86 [...] bom, eu estava responsável por um grupo de 40 crianças de 5 a 8 anos [...]”, lembrou uma ex-aluna.

Por outro lado, também encontramos que a comunidade se organizou para desenvolver, inclusive, atividades que eram proibidas durante o regime militar. Uma mãe e ex-trabalhadora da cozinha da escola relatou um episódio cotidiano:

[...] as sextas-feiras eram de lavanderia, então na porta colocávamos as crianças mais velhas que vigiavam para quando chegassem as caminhonetes [dos militares], eram verdes e assim se viam de longe. Terminávamos de servir a janta, e as crianças traziam suas roupas e Don Eradio nos trazia OMO [lava-roupas] e em um panelão lavávamos a roupa das crianças e entre todos fazíamos o trabalho. Aproveitava para lavar a minha também pois eu vivia aqui. E quando chegavam as caminhonetes, levávamos os panelões e era como se aqui não tivesse rolado nada.

Outro exemplo foi manifestado pelo próprio Don Eradio, que recorda que em uma ocasião “[...] se realizou uma atividade que tocou *Sol y Lluvia* no estabelecimento”. A escola não era, assim, só um espaço onde se estudava, mas também, fundamentalmente, um espaço de organização comunitária, onde em conjunto podia-se fazer frente às injustiças, através de atividades cotidianas como: cozinhar, lavar, brincar, escutar música ou satisfazer alguma outra necessidade ou desejo. Uma professora também desse período recordou

¹⁵ Junta Nacional de Auxílio Escolar y Becas.

diferentes elementos da cultura da escola que mostram exemplos das resistências à forma de educação que se impunha nesse momento histórico:

Da mesma forma, havia muitas coisas que poderiam ser classificadas como ilícitas. O fato, por exemplo, de existir a rádio, a rádio escolar. A imprensa também poderia ser classificada como subversiva. Na realidade sempre foi usada com fins educativos, mas se poderia pensar que poderia ser utilizada para distribuir panfletos contra o governo ou coisas assim. Na realidade, tudo o que se fazia aqui poderia ser considerado que era de risco. Aqui se cantava a canção nacional sem a estrofe "*vuestros nombres, valientes soldados*", nesta escola se falava de liberdade, de igualdade, palavras que não se usavam nesse tempo.

Em relação ao pedagógico, é possível encontrar alguns elementos metodológicos centrais na proposta educativa desenvolvida por Freinet, contrários à educação autoritária e imposta do período. Entre eles: a assembleia escolar, o texto livre freinetiano, a imprensa, o tribunal da cidadania, a horta escolar etc. Vale a pena pontuar, dado os objetivos deste trabalho, que não buscamos aqui nos aprofundar em cada uma dessas técnicas, mas sim resgatar a valorização destas através das pessoas entrevistadas ou que participaram do grupo focal.

Sobre a Assembleia Escolar, segundo artigo realizado pela Equipe Revista Docencia (2012, p. 80): "A Assembleia Escolar se realiza uma vez por semana, a dirigem os estudantes e nela levantam seus problemas, os analisam e os resolvem comprometendo-se com diferentes atitudes ou comportamentos". Uma ex-aluna também recordou o tribunal da cidadania, relatando o seguinte: "Eu também quando estive no colégio, fui advogada e porque subi as notas e estudei muito fui juíza. O tribunal era super bom porque fazia com que a molecada se controlasse sozinha e não ficasse brigando para que não fossem pegos [para ir ao tribunal]".

Em síntese, resgatamos que a gênese da Escuela Célestin Freinet de La Pintana se desenvolveu sobre pilares como a

solidariedade, o cooperativismo, a autogestão das atividades extracurriculares e um compromisso social que superou os muros da escola, conseguindo envolver a comunidade em seu conjunto. Ademais, esses elementos também nos mostram alguns elementos teóricos significativos que podemos resgatar, inclusive para ampliarmos nosso olhar frente a outras experiências.

Um deles é a cotidianidade: como uma saída, uma válvula de escape perante a realidade autoritária. Em diversos fragmentos de memórias se encontra presente a ideia de que as ações realizadas na escola possibilitaram o encontro com algo diferente do imposto pela ditadura. Várias pessoas resgataram a potencialidade transformadora dessas ações ao efetuar mudanças nas consciências das pessoas que participavam da escola. Retomando Brant Carvalho (1994, p. 28): “Esta suspensão da vida cotidiana não é uma fuga: é um circuito, porque se sai dela e se retorna a ela de forma modificada. À medida que estas suspensões se tornam freqüentes, a reapropriação do ser genérico é mais profunda e a percepção do cotidiano fica mais enriquecida”.

Além da cotidianidade, também se resgata a ideia de comunidade, pois

[...] os bairros populares têm sido cenário de criação de múltiplas formas associativas de caráter comunal, tais como as associações de bairro, as cooperativas, os comitês por serviços públicos, grupos juvenis e culturais, e as organizações de mulheres; espaços coletivos que se assumem como defensores ou promotores do bem comum [...] (TORRES, 2020, p. 66).

É importante ressaltar que essa concepção de comunidade, - como chave para interpretar o popular-, em nenhum caso deve ser entendida como um sujeito coletivo homogêneo que compartilha um determinado território. Pois “como todo coletivo social, nesses territórios coexiste uma pluralidade de grupos humanos, com interesses diferentes e muitas vezes contrapostos, pelo qual a conflitividade interna e com outros setores sociais é constitutiva de sua historicidade” (TORRES, 2020, p. 67).

Então, a cotidianidade vivida durante a gênese da Escuela Célestin Freinet de La Pintana deve ser entendida como a *práxis* de

um projeto político educativo contraposto ao experimento educativo neoliberal que impôs a ditadura, pois ademais de realizar uma pedagogia popular em suas aulas, desenvolveu uma educação junto ao território. Isso possibilitou, assim, a construção de uma comunidade educativa que experimentava confiança, solidariedade, cooperativismo e esperança.

REMEMORANDO DESDE AS EXPERIÊNCIAS DA ESCUELA CÉLESTIN FREINET DE LA PINTANA

Em termos concretos, este trabalho nos permitiu recordar de um primeiro período de atuação da Escuela Célestin Freinet de La Pintana e sua potencialidade contestatária de décadas de experiências. Foi possível analisar principalmente a importância da lembrança coletiva desse processo há 10 anos atrás, tendo em vista que nós também fizemos parte da experiência, possibilitando uma outra perspectiva que carrega saberes, ferramentas e dúvidas distintas.

A primeira observação a ser destacada é exatamente a relevância da lembrança enquanto um processo coletivo. Recordamos que o trabalho de campo de uma década atrás foi desenvolvido em duas fases. A primeira parte consistiu em entrevistas individuais com diferentes pessoas, que permitiram nos aproximar do tempo e espaço do processo estudado. Nessa etapa, compartilharam suas memórias três professores, entre eles o próprio fundador do projeto educacional. Já a segunda fase foi centrada em um grupo focal, no qual participaram uma ex-professora estagiária, uma ex-cozinheira da escola e mãe, uma ex-estudante e uma ex-monitora de oficinas. Destacamos em ambas etapas a importância de certa heterogeneidade das diferentes recordações, muitas incompletas, parciais ou fragmentadas. Nesse sentido, foi uma experiência especialmente valiosa o trabalho com o grupo focal, já que nesse espaço pôde-se observar de modo mais evidente a confluência de diferentes afluentes da memória da escola.

Ainda relacionado ao anterior, um segundo elemento a destacar é a potencialidade evidenciada quando contrapomos as

diferentes recordações individuais¹⁶, pois essas em um primeiro momento pareciam incoerentes entre si ou então contraditórias. Porém, ao presenciarmos a rememoração coletiva durante o grupo focal, foi possível observar nitidamente sua complementaridade, condizente com o mencionado por Brant Carvalho (1994): na cotidianidade – neste caso uma cotidianidade passada – confluem diferentes elementos heterogêneos e o circuito gerado pela suspensão da vida cotidiana possibilita que quem fala sobre seu passado se transforme, aprofundando sua consciência da realidade vivida. Processo no qual também transforma o próprio passado. Como presente na perspectiva dialógica freiriana, fazer memória é recriar o que foi feito (LIMA & SOUZA, 2018).

Outro aspecto a ser valorizado tem relação com laços emocionais que podem gerar o exercício de rememoração. Ao iniciar o grupo focal, a palavra esteve centrada no investigador responsável pela organização da atividade. Entretanto, na medida que as recordações foram sendo discutidas, a memória coletiva foi se manifestando nas risadas, na solenidade, nos silêncios e no desejo de contar as imagens difusas que voltavam do passado, se misturando em um nó de tempo, se fazendo presentes. Foram mais de duas horas de conversa, unindo pessoas que não se conheciam ou que não se lembravam uma das outras, na qual foi possível trabalhar sobre uma experiência política de resistência escondida no subterrâneo pelo temor e a história oficial.

Finalmente, identificamos a potencialidade do território e do espaço em um exercício de rememoração. Uma dificuldade que se observou durante o processo foi a carência de fotos e outros elementos concretos que pudessem facilitar o resgate das memórias. Contudo, o fato de todo trabalho participativo ter sido desenrolado na própria escola favoreceu a rememoração, questão que não tinha sido considerada inicialmente. Foi interessante observar como em todo momento eram utilizadas as salas, o pátio, a horta, a escola em geral, para viajar no tempo, descrevendo o sem fim de mudanças

¹⁶ “Quando nos propomos a contar uma história, nossa ou de outrem, não estamos apenas narrando fatos do passado, mas rememorando e reconstruindo-os de acordo como o nosso lugar na sociedade e a identidade do grupo ao qual pertencemos” (LIMA & SOUZA, 2018, p. 39).

existentes e, sobretudo, as ações que as uniam. Intimamente ligado com isso está o uso do corpo na rememoração, pois de maneira constante os corpos das pessoas durante as entrevistas ou no grupo focal dialogavam com o espaço, fosse para indicar algo ou então para movimentar-se e fazer mais tangível o passado que voltava.

Por outro lado, também se evidenciaram diversas problemáticas no desenrolar do processo de investigação. A primeira tem relação com a baixa participação, pois foram convidadas cerca de vinte pessoas ao grupo focal, mas apenas participaram quatro. A segunda consiste nas dificuldades encontradas para dar continuidade ao processo, já que se esperava, uma vez terminado o projeto, gerar instâncias coletivas e abertas de devolução dos saberes resgatados à comunidade, o que não foi possível desenvolver à época. Uma terceira problemática se relaciona com a importância de gerar variados e contínuos grupos focais, oficinas e/ou atividades coletivas de rememoração, pois possivelmente uma primeira participação em uma dessas atividades, ao ser agradável e significativa, poderia gerar um efeito dominó em outras pessoas da comunidade, motivando a participação e, o que seria mais importante, a superação de possíveis resistências do rememorar, como o medo e a dor de um período traumático, que não se diluem facilmente.

Por fim, frisamos que o exercício de rememoração coletiva possibilita que cada pessoa possa aprender com as experiências de outras, ainda que não tenham compartilhado originalmente o mesmo tempo e espaço. Isso também se deu com quem protagonizou o nascimento da Escuela Célestin Freinet: se transformaram em sujeitos históricos ativos devido às resistências e lutas cotidianas vividas e ao produzirem uma experiência de caráter contestatário. Experiência que, ao ser rememorada 30 anos depois, inclusive com pessoas que não viveram o processo analisado, permite de alguma forma também fazer parte dela. A rememoração permite o acesso aos índices secretos da história, por onde podemos nos transportar e conectar-nos com o passado (BENJAMIN, 2012; BOSI, 2003). E 10 anos depois, o processo pôde continuar sendo rememorado, inclusive sem a participação direta de seus protagonistas. O que queremos dizer é que o exercício da rememoração dá vida e historicidade ao passado, o traz para o presente, o transforma e o devolve ao passado, com a

potencialidade de construir futuros. O exercício da rememoração é o difícil trabalho com um nó de memórias complexo, que requer ser desatado de maneira constante.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS: A REMEMORAÇÃO POPULAR COMO FORMA DE TECER A LUTA E, ASSIM, A VIDA

Nesse texto, trabalhamos com a *rememoração* enquanto um processo de contemplação consciente e ativa do passado e seus conflitos, sendo essa uma perspectiva de resgate tanto das feridas abertas, dos prantos e lamentos que ressoam em nossa história, como das potencialidades revolucionárias que tantas vezes pulsaram ao longo dessa história. Estamos falando do trabalho com a memória não como uma forma passiva de observação, mas sim como posicionamento e ação coletiva. Apenas com o passado podemos explicar nossos dias e, portanto, é dele que conseguimos extrair formas de atuação e estratégias, além de retomar razões, respostas e perguntas capazes de romper com as injustiças de ontem e de hoje. Ou seja, com o ritmo cotidiano da barbárie desenfreada dos poderosos do mundo (BENJAMIN, 2012; BOSI, 2003).

E tão importante quanto o conteúdo dessas memórias é também o próprio processo de rememoração: o momento no qual o sopro de um passado coletivo flui através de nós e uma vez mais os ecos das lutas de quem caminhou desde outros tempos reverberam e nos movem no presente. Por vezes, esse “quem” caminhante somos nós, em um momento passado de nossas trajetórias, como as companheiras recordando no grupo focal os feitos que elas mesmas foram parte, que experienciaram há mais de um par de décadas. Quando existe o encontro coletivo para a transmissão oral, especialmente a transmissão olho no olho, o momento de criação e realização dos feitos narrados se prolongam continuamente no próprio corpo das pessoas que participaram dessa transmissão, como *fontes vivas da memória* (TROUILLOT, 2016). Somos, potencialmente, o próprio movimento de memórias coletivas encarnadas, sentinelas em marcha de um *manancial de razões para lutar* (BOSI, 2003).

Realizar esses processos coletivos de rememoração, então, não só resgatam fragmentos desses elementos passados, mas também nos ajudam em nossos próprios processos coletivos de sistematização, de criação de uma identidade, de consciência e de solidariedade, além de fortalecer a organização coletiva frente aos novos desafios de nosso presente. Contudo, lembrar nesse sentido é por si só um desafio. Afinal de contas, a memória não é um mero sonho, mas sim um trabalho (BOSI, 1987). Requer trabalho e, pensando coletivamente desde abaixo, organização frente às formas e narrativas hegemônicas presentes no conflitivo campo da memória¹⁷. Mais que uma grande conspiração ou consenso político momentâneo, os processos efetivos de silenciamento das memórias divergentes por parte das hegemônicas têm raízes estruturais e históricas (TROUILLOT, 2016).

Durante séculos, o capitalismo¹⁸ – com ainda mais intensidade em seu atual período neoliberal¹⁹ – esvazia não só o sentido do trabalho, mas também o das lembranças e suas aspirações (BOSI, 1992). Tenta apagar os sussurros de antepassados, seus desejos por dignidade e justiça. O mesmo ocorre com suas metas, suas estratégias, desde as mais amplas socialmente, até as mais cotidianas, as que podem nos mostrar atalhos no dia a dia e serem tão rotineiras como lavar a roupa, compartilhar a comida ou mesmo escutar uma canção.

¹⁷ Sem esse esforço, há uma tendência à despolitização das memórias e de seus próprios territórios, como pudemos presenciar na atualidade da Escuela Célestin Freinet de La Pintana, que perdeu nessas últimas décadas de redemocratização e de continuidade do aprofundamento do neoliberalismo na educação, grande parte de seu caráter combativo e contestador enquanto uma experiência contra hegemônica.

¹⁸ Não podemos esquecer toda a tradição genocida de colonização em nosso continente, em nossa Abya Yala, que nos últimos cinco séculos trabalha também a partir da *memória do conquistador* (BRANDÃO, 1984), com cooptação, espoliação, silenciamento e destruição.

¹⁹ Pensando no contexto escolar, o currículo e a forma de gestão neoliberal, com sua permanente ambição contrarrevolucionária, esvaziam a memória, especialmente a ligada às lutas. Nesse sentido, territorializar o currículo já possui uma potência que pode ser levada em conta nas formas de educações populares, construídas desde abaixo. Quando trabalhamos desde as memórias de nossas antepassadas, de nossas famílias, de nossas comunidades, de nossas amigas e companheiras de luta, as lembranças são mais concretas e próximas. Assim, as aberturas para os elementos revolucionários e emancipatórios são mais possíveis.

O trabalho com a memória sistematizado nesse pequeno texto escrito a partir de uma experiência de investigação vivida a mais de uma década na Escuela Célestin Freinet de La Pintana, nos mostra algumas potencialidades - e também dificuldades - do campo da rememoração popular. Esse processo tem uma força tremenda, mas também requer muito trabalho e organização frente às diversas formas de reação e imobilidade à livre circulação de memórias divergentes. Os processos educativos que efetivamente se posicionam como contra hegemônicos têm a possibilidade de serem facilitadores e dinamizadores da integração nos territórios e em suas lutas. Quando estão enraizados dessa maneira, podem ser exatamente como mananciais de memórias de sua comunidade. Nós de um tecido de recordações no qual podemos encontrar e resgatar muitas trajetórias e experiências que inspirem bordar outras formas de viver.

Referências

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. Em: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª Ed. Revista – São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BOSI, E. Cultura e desenraizamento. Em: **Cultura Brasileira**: temas e situações. Organizado por Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo, SP: Ática, 1992.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRANDÃO, C. R. **Pensar a prática**: escritos de viagem e estudos sobre a educação. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1984.

BRANT CARVALHO, M. O conhecimento da vida cotidiana: base necessária a prática social. En: J. P. Netto y M.C. Brant Carvalho. Em: **Cotidiano**: Conhecimento e crítica. Sao Paulo: Cortez Editora, 1994.

BRUNNER, J. La cultura autoritaria en Chile. Em: **Chile**: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, 1981.

CRESPO BURGOS, C. Semillas y caminos para la educación latinoamericana en tiempos de incertidumbre. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 11, n. 3, set./dez. 2018.

EQUIPO REVISTA DOCENCIA. Escuela Célestin Freinet de La Pintana: educando para la autonomía y la dignidad. **Revista docencia**, Año XVII (46), pp. 74 - 83, 2012.

FALS, O. **El problema de cómo investigar la realidad para transformarla**. Bogotá: Tercer Mundo, 1985.

FREINET, C. **La escuela moderna francesa**. Guía práctica para la organización material, técnica y pedagógica de la escuela popular. Madrid, Ediciones Morata, 1996.

GARCÉS, M. **Tomando su sitio**: El movimiento de pobladores de Santiago, 1957-1970 / Mario Garcés Durán. – 1ª ed. Santiago: LOM Ediciones, 2002.

GOICOVIC, I. **Movimiento de Izquierda Revolucionaria**. Concepción: Ediciones Escaparate, 2012.

LIMA, A. P. M. de; SOUZA, F. das C. S. Pirata de si: viagem aos mares da memória e experiências de Paulo Freire. **Revista Educação e Emancipação**, [S. l.], v. 11, n. 1, p.p.36–57, 2018.

MARTINIC, S. Identificación de las necesidades educativas básicas en la Población La Bandera. Em: S. Martinic, R. Añazco, M. Muñoz y colaboradores de la CEPAC (cords.). **Identificación de las necesidades educativas básicas. Investigación en una comunidad urbano-marginal del Gran Santiago (Chile)**. Chile: Oficina Regional de Educación de la UNESCO, 1981.

POLLACK, M. "Memória, esquecimento, silêncio". **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 02, n. 03, 1989.

MARCOS, S. La Cuarta Guerra Mundial. **Motion Magazin**, 2001. Disponível em: <<https://inmotionmagazine.com/auto/cuarta.html>>. Acesso em 13 de março de 2022.

SOL Y LUVIA. Para Que Nunca Más. Em: **Canto + Vida**. Alerce. CD, 1999.

TORRES, A. **Comunidades en movimiento**. Perspectivas, renauncias y emergencias comunitarias en América Latina. Bogotá. D.C.: Ediciones desde abajo, 2020.

TREVISOL, M.G. & ALMEIDA, M.P. de. A incorporação da racionalidade neoliberal na educação e a organização escolar a partir da cultura empresarial. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 12, n. 3, pp. 200 – 222, 2019.

TROUILLOT, M. **Silenciando o passado**: poder e a produção da história. Curitiba: huya, 2016.

Entrevistas

Guillermo, professor normalista e dirigente da AGECH. Entrevista realizada em 12/11/2012 às 19:00 horas.

Silvia, professora normalista e dirigente da AGECH. Entrevista realizada em 12/11/2012 às 19:00 horas.

Luis, professor do Estado desde 1974. Entrevista realizada em 24/11/2012 às 12:30 horas.

Eradio Mardónez, professor e fundador do Proyecto Educativo Escuela Célestin Freinet de La Pintana. Entrevista realizada em 14/12/2012 às 14:00 horas.

Grupo focal com uma ex-estudante, uma ex-professora estagiária, uma ex-trabalhadora e mãe de estudante à época e uma ex-monitora de oficinas da Escuela Célestin Freinet de La Pintana. Realizado em dezembro de 2012.

Recebido em: *Julho/ 2022*.

Aprovado em: *Janeiro/ 2023*.